

Biblioteca de artista: uma outra possibilidade

Artist's library: another possibility

ADRIANA PENIDO

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Belo Horizonte, Brasil

RESUMO

A partir das obras “Requiem” (2013), de Emilio Chapella, “Scultura de d’ombra” (2009), de Claudio Parmiggiani, “Missing Names” (2013), de Patricia Osses, “Flying Books - homenaje a Borges” (2012), de Christian Boltanski e “Biblioteca del bosque”, de Miguél Ángel Blanco (2002), pretendeu-se refletir sobre a presença da biblioteca nas artes visuais. Nota-se, a partir dos anos de 1990, numeroso volume de obras cujo interesse é a biblioteca. Poeticamente denominadas “bibliotecas de artista”, esse conceito descreve obras produzidas por artistas a partir de ou no espaço de uma biblioteca. Utilizando-se dos mais diferentes suportes, muitas dessas obras são descritas como instalação, fotografia, livro de artista, pintura, desenho, vídeo e outras mídias conhecidas. A biblioteca passou a ser também um território de subversão, imaginação e poetização na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteca de artista, livro de artista, imagem, biblioteca.

ABSTRACT

Based on the artworks “Requiem” (2013) by Emilio Chapella and “Scultura de d’ombra” (2009) by Claudio Parmiggiani, “Missing Names” (2013) by Patricia Osses, “Flying Books - homenaje a Borges” (2012) by Christian Boltanski e “Biblioteca del bosque”, by Miguél Ángel Blanco (2002), it is intended reflect about the presence of the library in the visual arts. From the 1990s onwards, there is an intense volume of artworks whose interest is the library. Poetically called *artist library*, this notion describes artworks produced by artists from or in the space of a library. Using the most different supports, many of these works are described as installation, photography, artist’s book, painting, drawing, video and other known media. The library has also become a territory of subversion, imagination and poetization in contemporary times.

KEYWORDS

Artist’s library, artist’s book, image, library.

1 Introdução

Neste artigo pretende-se refletir sobre a presença da biblioteca no campo das artes visuais. Serão focalizadas obras de cinco artistas: “*Requiem*” (2013), de Emilio Chapella, “*Scultura de d’ombra*” (2009), de Claudio Parmiggiani, “*Missing Names*” (2013), de Patricia Osses, “*Flying Books - homenaje a Borges*” (2012), de Christian Boltanski, e “*Biblioteca del bosque*”, de Miguél Ángel Blanco (2002).

Emilio Chapella é artista mexicano, autor de diversas obras cujo interesse é a biblioteca. Com formação acadêmica em Matemática e Comunicação, posteriormente estudou Artes no *Centro de la Imagem*, na Cidade do México. Foi artista residente em diversos países, com obras em importantes coleções¹. Em seus trabalhos, Chapella investiga o uso de diferentes sistemas metodológicos, como também nossa relação com determinadas ferramentas tecnológicas. Neste artigo apresenta-se uma de suas bibliotecas, intitulada “*Requiem*”, uma referência à biblioteca de David Siqueiros (1896-1974), importante pintor, um dos protagonistas do muralismo mexicano.

Claudio Parmiggiani é artista italiano nascido durante a Segunda Guerra Mundial. Transitando entre a Arte Póvera e a Arte Conceitual, produziu importantes trabalhos de Arte Contemporânea, assim como livros e artigos. Constrói imagens inusitadas a partir de materiais ordinários como poeira e cinzas, luz e pedra, fogo e ar. Sua obra possui intensa relação com o livro e a biblioteca, que se tornou um suporte para suas reflexões.

Patricia Osses é artista chilena que vive e trabalha em São Paulo. Formada em Artes Visuais pela ECA-USP, tem também formação em Arquitetura e Música (violoncelo). Possui diversas bibliotecas de artista, como “*Sin Palabras*” (2012), “*Missing Names*” (2013), “*Biliotèque*” (2012), *Étagère* (2011), “*Babel*” (2013) e “*Biblioteca Universal de Bolsillo*” (2013).

Christian Boltanski é artista francês cuja obra trata de questões relativas a memória, identidade, arquivo, perda e morte. Possui duas bibliotecas de artista que merecem ser citadas: “*Les abonnés du téléphone*” (2002) e “*Flying Books - uma homenagem a Borges*” (2012), que será apresentada mais adiante.

Miguel Ángel Blanco se descreve como “caminhante e artista, observador e intérprete dos enigmas da natureza” (BLANCO, 1996) O artista considera sua obra “*Biblioteca del Bosque*” como um projeto de vida, que hoje conta com mais de mil e cem livros, fruto de suas experiências em paisagens reais, de “conhecimentos ancestrais e visões de uma natureza transcendida” (BLANCO, 1996). O artista é também curador, sendo responsável pelas exposições “*Histórias Naturais*” (2014) no *Museo del Prado*, “*The Illusion of far west*” (2015), realizada no “*Museo Thyssen*”, e “*A aura de los ciervos*”, no *Museo del Romanticismo* (2014).

As obras escolhidas descrevem bibliotecas de artista produzidas em diferentes meios e materiais, a fim de expor sua multiplicidade de possibilidades. Neste estudo elas se apresentam como um dispositivo para pensar as relações entre arte e biblioteca. Salienta-se que a utilização do termo “biblioteca de artista” não tem outra intenção a não ser identificar essas obras em meio

1 *Museum of Fine arts Houston (MFAH), Coleccion Jumex, Sayago & Pardon e FEMSA*, entre outros. In: <http://www.henriquefaria.com/artist-cv?id=27>.

a tantas outras e ressaltar suas especificidades. Não há qualquer intenção de criar novas fronteiras ou categorias nas artes visuais.

2 Bibliotecas de artista

A vida em si não é a realidade. Somos nós que pomos a vida em pedras e seixos.
Frederick Sommer (SOMMER, s.d. *apud* SONTAG, 2001, p.206).

Por que não utilizar apenas o verbete biblioteca? Porque não se trata da biblioteca como a conhecemos: um espaço concreto ou virtual, que reúne todo tipo de informação e conhecimento, incluindo jornais, revistas, dispositivos eletrônicos, magnéticos e digitais. Trata-se da biblioteca como um espaço de reflexão, um suporte para a experiência artística. A biblioteca de artista descreve a biblioteca no território das artes visuais, sob o olhar constituinte do artista, podendo ser apresentada como livro de artista, instalação, fotografia e outros suportes. Ainda, possui estreita afinidade com as “bibliotecas ficcionais”. Espaços simbólicos, essas bibliotecas ficcionais mostram-se instáveis e labirínticas e se apresentam como um espaço no qual o leitor, entre as frestas e intervalos nas prateleiras, possa construir suas associações. A “Biblioteca de Babel”, de Jorge Luis Borges, e a “*Biblioteca Abscondita*”, também conhecida como “*Museum Clausum*”, de Thomas Browne, são alguns exemplos emblemáticos de bibliotecas ficcionais.

Por mais sedutor que seja o sonho de um universo cognoscível feito de papel e de um cosmo dotado de sentido e feito de palavras, nenhuma biblioteca, por colossais que sejam suas dimensões e por infinito que seja seu âmbito, jamais poderá nos dar um mundo real, no sentido em que o mundo de sofrimentos e alegrias é real. A biblioteca nos oferece uma imagem negociável daquele mundo real que (nas palavras do crítico francês Jean Roudaut) “gentilmente permite que o concebamos”, bem como a possibilidade de conhecer, experimentar ou recordar algo que intuímos numa fábula ou adivinhamos numa reflexão poética ou filosófica (MANGUEL, 2006, p. 265).

Pode-se dizer que essas bibliotecas ficcionais encontram-se muito próximas, estabelecendo íntimo diálogo com as bibliotecas de artista, apresentadas a seguir. É a “Biblioteca”, como a conhecemos, ampliando-se, desdobrando-se em um contínuo e infinito movimento de transformação.

2.1 *Requiem*

Tornar a Biblioteca em Galeria e a Galeria em Biblioteca. Já sem fronteiras definidas, em desdobramento (Paulo Pires do Vale, 2012).

Diferentes formas de sistematização foram utilizadas para a catalogação e organização dos livros até se chegar ao modo como hoje se catalogam os acervos bibliográficos nas bibliotecas e coleções. Livros são geralmente dispostos em estantes, seguindo determinado protocolo. No início do século XVII os enciclopedistas passaram a utilizar o critério de ordem alfabética, conhecido desde a Idade Média, que refletia uma mudança de paradigma: em detrimento a uma visão hierárquica do mundo, nota-se o surgimento de uma abordagem mais igualitária e individualista, defendida pelos enciclopedistas nesse período (BURKE, 2012).

Os sistemas de classificação (em um sentido estritamente bibliográfico) não são, portanto, mais um aspecto do problema da sistemática das ciências, mas sim um aspecto particularmente central e interessante, pois ao traduzir-se na organização física dos espaços de uma biblioteca e na disposição dos livros, toda proposta de organizar de forma sistemática (de acordo com modelos lineares ou hierárquicos) o conhecimento humano pode exercer sobre os usuários daquela biblioteca (e às vezes por longos períodos de tempo) uma influência incalculável (SETTIS, 2011, p. 39) (tradução nossa)².

Georges Perèc, em seu livro *“Penser/classer”* (PERÈC, 2003), reflete sobre o fascínio do ato de classificar e a instabilidade dos critérios classificatórios. Para o autor, classificamos para apaziguar, na tentativa de situar-nos frente à diversidade. Classificar é escolher uma categoria em detrimento de outra, sendo, portanto, arbitrário e autoritário. Classificar para quê? Classificar para domar, classificar para controlar. A organização dos livros em uma biblioteca revela uma visão de mundo, pode-se até arriscar a dizer, uma “curadoria”.

“Requiem” é o título atribuído à biblioteca de artista de Emilio Chapella, constituída por volumes de madeira catalogados a partir das cores dispostas em sua “suposta” lombada. A partir dessa estratégia, Chapella pretende reestruturar o sistema de organização utilizado por David Alfaro Siqueiros em sua biblioteca. O pintor catalogava os livros de sua coleção dispostos em três grandes categorias: “Arte”, “Política” e “Vários”. Chapella produziu uma réplica da biblioteca de Siqueiros em aglomerado de MDF e problematizou o seu sistema de catalogação. Os livros da instalação de Chapella passaram a ser classificados a partir de uma escala cromática. O amarelo identificava os livros da categoria “Vários”, o azul os da categoria “Arte” e o Vermelho os de “Política”. Outras subcategorias foram criadas pelo artista para sinalizar o idioma utilizado no livro. Dessa forma, as cores pintadas nas lombadas dos volumes permitiam identificar as respectivas categorias e criavam desenhos, quando os volumes se encontravam dispostos nas prateleiras, possibilitando ainda uma experiência sensorial ao possível “leitor”.

2 No original: *Los sistemas de clasificación (em um sentido estrictamente bibliográfico) no son por tanto un aspecto más del problema de la sistemática de las ciencias, sino un aspecto particularmente central e interesante, pues, al traducirse en la organización física de los espacios de una biblioteca y en la disposición de los libros, toda propuesta de organizar de forma sistemática (ya sea según modelos lineares o jerárquicos) el conocimiento humano, puede ejercer sobre los usuarios de esa biblioteca (y a veces durante larguissimos períodos de tiempo) una influencia incalculable* (SETTIS, 2011, p. 39).



Figuras 1 e 2 - Emilio Chapella, *Requiem*, 2013. Fonte: <http://www.saps-latallera.org/saps/requiem/>.

“*Requiem*” também aborda questões referentes às transformações pelas quais os livros e a biblioteca encontram-se sujeitos na era digital. Essas transformações dizem respeito à alterações surgidas a partir da transição do suporte analógico para o digital. Os “erros” de digitalização surgidos a partir da digitalização da biblioteca de Siqueiros foram elementos utilizados em outras obras apresentadas por Chapella em sua biblioteca de artista, como “*W-untitled*” (2014) e “*Buy my book*” (2014).

Outros artistas também utilizaram o sistema de classificação cromática na constituição de suas bibliotecas, como Wilfriedo Prieto, em “*White Library*”, e Dominique González-Foerster, em “*Blue Vein*”. A metodologia de classificação por critério cromático utilizada em “*Requiem*” foi suficiente para estabelecer um diálogo entre as cores, o espaço e a literatura, ou melhor dizendo, entre a cor, a biblioteca e a coleção.

2.2 *Scultura de d'ombra*

Talvez a velhice e o medo enganem-me, mas suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se e que a biblioteca permanecerá: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta (Jorge Luis Borges, 1988).



Figura 3 - Claudio Parmigiani - *Scultura d'ombra*, 2009: instalação realizada na *Biblioteca di Arte e Storia de San Giorgio* em Poggiale, Bolonha. Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/404409241511884081>

A biblioteca imaterial de Parmigiani foi concebida a partir da combustão do fogo. Realizada na “*Biblioteca di Arte e Storia de San Giorgio*” em Poggiale, Bologna, no ano de 2009, a obra pertence a uma série denominada “*Delocazione*”. A obra foi constituída a partir de um incêndio provocado pelo artista, de maneira controlada, no interior da biblioteca. Quando a fumaça se dissipou, os livros e estantes foram removidos do recinto e a biblioteca surgiu, tal qual uma aparição, impressa pela fumaça, nas paredes do recinto. A biblioteca de Parmigiani é uma imagem surgida a partir do desaparecimento da biblioteca física.

A coisa estava aí, que nós apreenderíamos no movimento vivo de uma ação compreensiva e, tornada imagem, ei-la instantaneamente convertida no inapreensível, inatual, impassível, não a mesma coisa distanciada, mas essa coisa como distanciamento, a coisa presente em sua ausência, apreensível porque inapreensível, aparecendo na qualidade de desaparecida, o retorno do que não volta, o coração estranho do longínquo como vida e coração único da coisa (BLANCHOT, 1987, p. 257)

Próxima do real, mas inapreensível. O que vemos não mais está presente. A “Biblioteca” surge com um estatuto de imagem, de ser ilusão, uma mentira brilhante. E ressurgue como ruína de um passado, vestígios de uma ausência, mas que ainda assim se faz presente.

Foram diversas as bibliotecas produzidas por Parmiggiano, pertencentes à série “Delocazione”, nas quais o artista utiliza-se dos mesmos procedimentos. “Sem Título” (2009), “*Silenzio a voz alta*” (2006) e “*Scultura d’Ombra*” (2002) são algumas dessas obras.

2.3 Missing Names e Flying Books

São muitas as bibliotecas de artista criadas por Patrícia Osses. “*Missing Names*” é uma série fotográfica de 96 fotografias realizadas no antigo prédio da “Biblioteca Nacional da Argentina”.

Osses realiza, em um ato performático, inscrições nas prateleiras empoeiradas e esquecidas da biblioteca. Os 96 nomes dos escritores que se encontravam gravados nas colunas do prédio, acrescidos do nome de Jorge Luis Borges, que além de presença constante no prédio foi também diretor da biblioteca entre os anos de 1955 e 1973, foram transcritos pela artista, para as empoeiradas prateleiras da biblioteca. Nomes como Shakespeare, Milton e Lopes de Vega se avizinham em uma suposta prateleira. Pode-se dizer que a biblioteca de Osses apresenta-se como fascínio ou a “paixão da imagem”, que precisamente diz respeito às imagens que retornam e nos mantêm por tempo indeterminado sob seu poder de “assombração”: “Ora, estar fascinado não é estar enganado: não é submeter-se à aparência enganadora das coisas, mas sofrer verdadeiramente sua aparição que retorna. É olhar ‘a impossibilidade que se faz ver’” (BLANCHOT *apud* DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 29).

Quando fascinados, o que vemos não é o objeto em si, e sim a sua distância, a distância paradoxal descrita por Didi-Huberman (2011) como a “dupla distância”, ou seja, quando aquilo que vejo também me olha e parece tocar-me como algo que me concerne. Estar fascinado é entregar-se ao fascínio da ausência de tempo, um tempo indeterminado, inatual. É deparar-se com a imagem que retorna, de outra forma, em outra temporalidade. Para Didi-Huberman, quando estamos diante da imagem, estamos sempre diante do tempo.

“*Flying Books - Homenaje a Borges*” (2012) é o título da instalação de Christian Boltanski, realizada na antiga Biblioteca Nacional da Argentina. Diz um ditado popular que, para um livro voar, basta ofertá-lo a um leitor adequado. Em um cenário quase fantasmagórico, espectral, o artista utiliza cerca de quinhentos livros escritos em diferentes épocas e idiomas, para constituir

sua instalação. Suspensos no teto do salão central de leitura da antiga biblioteca, faz-nos imaginar que os livros outrora armazenados nas prateleiras saíram em revoada, como se quisessem mostrar que, muito mais do que um repositório de palavras e imagens, são, em verdade, inapreensíveis, impermanentes, incontroláveis.



Figuras 4 e 5 – Christian Boltanski, *Flying Books - Homenaje a Borges*, 2012.

Fonte: <http://solucionista.es/interiorismo/despensas/page/4/>.

A obra - imensa - de Bachelard e as descrições dos fenomenólogos nos ensinaram que não vivemos em um espaço homogêneo e vazio, mas, pelo contrário, em um espaço inteiramente carregado de qualidades, um espaço que talvez seja também povoado de fantasmas; o espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões possuem neles mesmos qualidades que são intrínsecas; é um espaço leve, etéreo, transparente, ou então é um espaço obscuro, pedregoso, embaraçado: é um espaço do alto, um espaço dos cumes, ou pelo contrário, um espaço de baixo, um espaço do limo, um espaço que pode ser corrente como a água viva, um espaço que pode ser fixo, imóvel como a pedra ou como o cristal (FOUCAULT, 2006, p. 413).

Longe de ser um espaço neutro, as bibliotecas constituem-se por camadas de memórias e temporalidades. Um espaço permeado por vozes e presenças etéreas, quase fantasmagóricas, constituído por labirintos por onde o leitor transita.

Asseguram os ímpios que o disparate é normal na Biblioteca e que o razoável (e mesmo a humilde e pura coerência) é quase milagrosa exceção. Falam (eu o sei) de “a Biblioteca febril, cujos fortuitos volumes correm o incessante risco de transformar-se em outros e que tudo afirmam, negam e confundem como uma divindade que delira” (BORGES, 1988, p. 68).

Em ambas as obras apresentadas foram abordadas a questões relativas à ausência e presença, materialidade e imaterialidade, visível e invisível. Obras surgidas a partir de rastros, ruínas. A face indestrutível da biblioteca, em um contínuo movimento de se reinventar.

“*Missing Names*”, de Patrícia Osses, e a instalação “*Flying Books*”, de Christian Itanski, imbuídos do espírito borgeano, captaram, cada um a seu modo, nas respectivas obras, as nuances de seu pensamento. A Biblioteca, com maiúscula, tornou-se um espaço heterotópico, campo de relações e reflexões.

2.4 Biblioteca del Bosque

“*Biblioteca del Bosque*” (1985-2010)³, obra do artista espanhol Miguel Ángel Blanco, é, talvez, uma de suas obras mais importantes. Trata-se de uma biblioteca com acervo inusitado, constituída por materiais nada ordinários. É composta de 1.110 livros-caixa de madeira confeccionados pelo artista, todos únicos. A obra é produto da caminhada de Miguel Ángel Blanco na natureza, um processo de investigação e autoconhecimento que nos proporciona contato visual, tátil, sonoro e olfativo com o acervo coletado em cinco continentes. Iniciada na Sierra del Guadarrama, Espanha, a obra reúne várias mídias, como desenho, pintura, colagem, fotografia,

3 A obra iniciou-se no ano de 1985 e até os dias de hoje sofre alterações e continua “em processo”. O artista a considera uma obra em aberto, sujeita a constantes alterações e acréscimos.

frottage, entre outras. A biblioteca permite-nos realizar uma leitura da natureza, descrita pelo autor da seguinte forma: “Talvez a finalidade da obra seja entender a linguagem secreta do cosmos, criar um grande mistério partindo do fragmento de uma samambaia ou de uma gota de resina. Ser a ressonância do efêmero” (BLANCO, 1996, p. 7).

Os livros-caixa são encadernados como um tomo de capa dura e cobertos com diferentes tipos de papel, em diferentes texturas. A caixa de cada exemplar contém a ficha técnica da obra escrita à mão pelo autor, na maioria das vezes com tinta negra. Nota-se a presença ou vestígio de água, fogo ou fragmentos de árvores. As dimensões dos livros-caixa são as mais variadas possíveis e sua localização na biblioteca é precisa e rigorosa. Cada tomo ocupa um local específico e o peso dos códices determina a sua posição: os mais pesados ficam na parte inferior da estante e os mais leves na parte superior. A obra indubitavelmente aproxima arte e ciência e pode ser também considerada um significativo inventário. A biblioteca já foi exposta em importantes museus do mundo, como o *Museo del Prado* (2014) e *Museo Thyssen Bornermisza* (2016) e continua em processo, mantida no *atelier* do artista.



Figuras 6 e 7 - Miguel Ángel Blanco, *Biblioteca del bosque*, 2002.

Fonte: https://es.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_del_Bosque.

O processo criativo da “*Biblioteca del Bosque*” remete aos processos utilizados por Richard Long na constituição de suas obras. Long é escultor, pintor e fotógrafo inglês, um importante artista da “*Land Art*”. Fez de suas caminhadas e experiências na natureza um ato artístico. Durante o percurso, interagia com pedras, madeiras, lama, troncos de árvore e outros materiais, a fim de criar novas proposições, futuros trabalhos. “*A Line made by walking*” foi uma de suas primeiras obras criadas a partir dessa proposta. Sobre uma linha imaginária, em um campo no condado de Wiltshire, Inglaterra, Long estabeleceu um percurso andando para frente e para trás sobre a linha imaginária até ela se tornar visível. O resultado do processo é a obra fotográfica apresentada na FIG. 8, um registro da experiência do caminhante. Esse trabalho foi precursor e inspirou outras obras realizadas em diferentes mídias, como fotografia, desenho, livro de artista e tantas outras proposições.

As obras apresentadas neste artigo compõem apenas uma pequena fração do extenso conjunto de bibliotecas de artista surgidas especialmente a partir de 1990, com o aprofundamento dos estudos acerca da “*Bibliothek Warburg*” ou “*KBW*”, do historiador alemão Aby Warburg.



Figura 8 – Richard Long, *A line made by walking*, 1967.

Fonte: https://repositório.ul.pt/bitstream/10451/33664/2/ULFBA_TES1112_RichardLong_AQrte-como-Experiencia-e-Acontecimento.pdf.

3. Conclusão

Após transitar e especular nesse vasto e infinito território que é a biblioteca, concluiu-se que não existe uma biblioteca, pois elas são muitas e, devido a seu caráter espectral e vertiginoso, são inapreensíveis e múltiplas.

Ao abordar a biblioteca de artista percebeu-se que nem sempre essas obras constituem um desdobramento natural da já conhecida categoria do “livro de artista”⁴. Destaca-se que a

4 Nota-se que a biblioteca de artista não pode ser definida como uma biblioteca de livros de artista. Trata-se da biblioteca como um suporte para a construção do trabalho artístico e pode ser um espaço real ou ficcional.

biblioteca de artista não pode ser definida como uma biblioteca de livros de artista. Trata-se da biblioteca como um suporte para a construção do trabalho artístico e pode ser um espaço real ou ficcional. Em muitos casos são produzidas por artistas sem qualquer interesse anterior pelos livros de artista ou que nunca tiveram trabalhos produzidos nesse território. Essa nomenclatura, “biblioteca de artista”, também vem sendo utilizada por outros pesquisadores, como Laura Damon-Moore e Erinn Batykefer, pesquisadoras da área de Biblioteconomia, da “University of Wisconsin-Madison”. Ségolène Le Men, historiadora da arte e professora emérita na “Universidade de Paris Nanterre”, denomina “*bibliothèque d’artiste*” as bibliotecas pessoais de artistas cujo acervo vem sendo utilizado para “estudar a circulação de ideias, conceitos, poética e imagens entre grupos e círculos artísticos”, no campo da História. Entretanto, o propósito do seminário “*Imaginaires et représentations des bibliothèques*”, que ocorreu no ano de 2018, em Paris, com a presença de Ségolène Le Men e outros palestrantes, foi assim descrito:

Este seminário tem como objetivo pesquisar a relação entre arte e biblioteca através da maneira como os artistas apreenderam esse material para torná-lo um dispositivo tanto plástico como teórico, um objeto de representação ou uma fonte de inspiração que nutre seu trabalho e sua imaginação. Numa perspectiva interdisciplinar, focaremos nos trabalhos e imagens de bibliotecas nas artes: pintura, instalações, arquitetura, cinema, teatro, literatura... Será também uma questão de avaliar e questionar, do ponto de vista historiográfico, a consideração recente pelos historiadores da arte do corpus representado pela biblioteca (MAPEAU, INHA, 2018, s.p.)

O seminário “*Imaginaires et représentations des bibliothèques*”, citado, e a pesquisa de Ségolène Le Men constituem uma evidência do interesse despertado pela biblioteca em diferentes campos do saber. Dessa forma, a biblioteca passa a ser abordada muito além de seu aspecto de coleção, arquivo e de instituição guardiã do conhecimento e passa a ser também um território de subversão, imaginação e poetização na contemporaneidade.

Referências

BLANCO, Miguel Ángel. **Catálogo da exposição Biblioteca del Bosque**. Museo del libro, em Madrid. Biblioteca Nacional, 1996, p. 7.

BLANCHOT, Maurice. As duas versões do imaginário. In: BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 257-263.

BORGES, Jorge Luis. **Biblioteca personal**. Madrid: Alianza, 1988.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: da enciclopédia à wikipédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **De semelhança a semelhança**. Alea [online], v. 13, n. 1, p. 26-51, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2011000100003>

FOUCAULT, Michael. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michael. **Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e Escritos III)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 411-422.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAPEAU, Felicie. Imaginaire et representations des bibliotheques. In: SEMINÁRIO INHA, Paris, janeiro-junho de 2018. Disponível em: <http://blog.apahau.org/seminaire-imaginaires-et-representations-des-bibliotheques-paris-inha-janvier-juin-2018/>. Acesso em 03/12/2019.

PERÈC, Georges. **Penser/ classer**. Paris: Seuil, 2003.

PIRES DO VALLE, Paulo (org.). **Tarefas infinitas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

SETTIS, Salvatore. **Warburg continuatus: descripción de una biblioteca**. Madrid: Ediciones de La Central, 2011.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Sobre a autora

Doutora em Artes Visuais pela EBA- UFMG. Mestre em Artes Visuais pela EBA-UFMG (2014). Pós-graduada em Arte e Contemporaneidade pela Escola Guignard, UEMG (2012). Graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard –UEMG (2009), com Bacharelado em Pintura e Escultura. Atualmente dedica-se à produção e pesquisa de Aby Warburg, Biblioteca de artista, Livros de Artista e Performance. adrivenido@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1343-9990>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0770871223483053>

Recebido em: 30-09-2020 / Aprovado em: 17-11-2020

Como Citar

PENIDO, A. (2020). Biblioteca de artista: uma outra possibilidade. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.1, n.2, p.203-215, jul./dez. 2020. <https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57609>



A revista Estado da Arte está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.